



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	Frequência e intensidade de lesões gastroduodenais em cães com mastocitoma cutâneo e associação com características clínica e histopatológica
<b>Autor</b>	YURI MACHADO LOPES
<b>Orientador</b>	DANIEL GUIMARÃES GERARDI

A pele é um órgão amplo que atua como uma barreira anatomofisiológica entre o organismo e o meio ambiente. Por ser um órgão de fácil visualização, as neoplasias cutâneas são muito frequentes na rotina clínica de pequenos animais. Estudos sugerem que as neoplasias cutâneas são as mais diagnosticadas, representando aproximadamente 30% dos tumores nos cães e 20% nos gatos. Na espécie canina, o mastocitoma é o tumor mais diagnosticado, com uma prevalência entre 11-15% de todos os tumores de pele. Apesar da elevada incidência, sua etiopatogênica ainda não foi completamente elucidada. Não há predisposição sexual, entretanto, algumas raças, tais como Boxers, Beagles, Boston terriers, Bulldogs, Labradores retrievers e Schnauzers parecem ser mais predispostas. Os sinais clínicos associados à neoplasia podem estar diretamente ligados à liberação de histamina, heparina e outras aminas vasoativas contidas no interior dos grânulos secretórios no interior dos mastócitos. Devido à liberação destes mediadores, a ulceração gastroduodenal é uma complicação significativa nos mastocitomas, com estudos sugerindo uma prevalência de 83% em achados de necropsia. Acredita-se que o mecanismo de ulceração gastroduodenal está relacionado ao aumento nos níveis sanguíneos de histamina decorrente da degranulação dos mastócitos neoplásicos. Assim sendo, o presente trabalho avalia a ocorrência de úlceras gastroduodenais em caninos portadores de mastocitoma cutâneo, buscando estabelecer uma relação entre o aparecimento e a gravidade destas lesões com sintomas gastrintestinais, classificação histopatológica e estadiamento tumoral no momento do diagnóstico

Para a inclusão no estudo, o paciente deveria ter diagnóstico confirmado por citologia ou histopatologia de mastocitoma cutâneo. Todos os animais inclusos passavam por avaliação clínica que incluía exames hematológicos e bioquímicos, ecografia abdominal e radiografia torácica para realização de estadiamento tumoral. Os tutores eram questionados quanto a presença de sinais gastrintestinais, velocidade de crescimento tumoral e tempo de progressão da doença. Os pacientes considerados clinicamente aptos, eram submetidos à cirurgia para remoção do tumor, bem como, ao exame endoscópico para avaliação do estômago e do duodeno. A classificação dos sinais gastrintestinais teve como base uma escala proposta por Cascon (2011) e, as lesões macroscópicas, observadas durante a endoscopia, tiveram como base a escala de Lanza modificada que classifica as lesões em três graus segundo sua gravidade, sendo o grau I o mais leve e o grau III o mais severo (Soylu et al., 2008).

No estudo foram inclusos 27 cães, 76% possuíam tumor baixo grau e 24% tumor alto grau, segundo classificação proposta por Kiupel e colaboradores (2011). Destes, 42,3% eram machos e 57,7% eram fêmeas. Dentre as raças mais prevalentes, pode-se citar os Boxers com 29,6% (n=8) e os Pitbulls com 11,1% (n=3). Os locais mais acometidos foram os membros (33,3%) e o tronco (22,2%), sendo que 22,2% possuíam nódulos em mais de um local. Na avaliação endoscópica todos dos animais foram classificados como grau I e, com relação aos sinais clínicos, todos foram considerados como clinicamente irrelevantes segundo escala proposta por Cascon (2011). Sendo assim, de acordo com esses resultados prévios, aparentemente não há uma relação entre a classificação histopatológica, o estadiamento tumoral com a presença e/ou a gravidade de úlceras gastroduodenais no momento do diagnóstico. Entretanto, sugere-se que o aparecimento de lesões gástricas possam ocorrer com o avanço da doença, necessitando-se mais estudos acerca do assunto.